AS LAVADEIRAS DO AREIA

Por: Leda Figueiredo Rocha do Lago(IHGPoxoréu;2020)

Assim como o bairro Areia se despontava por conta dos muitos prazeres e alegrias que o povo dali pôde desfrutar, não se deve deixar no esquecimento as lavadeiras, mulheres trabalhadoras e fortes que ajudaram com seu trabalho, a sustentar a própria família. No Bairro Areia, havia muitas mulheres que se dedicavam ao ofício de lavagem de roupas. As lavadeiras de roupa existentes no bairro quase sempre iam lavar roupas nas Pedreiras do seu Amarílio. A lavagem de roupas era uma atividade comercial e doméstica, que gerava renda para sustentarem suas famílias e também diminuir o trabalho daquelas mulheres que tivessem condições financeiras de pagar pelos serviços de lavanderia.

Saíam cedo de suas casas, muitas vezes com a "matula" (comida) pronta, pois com certeza, o dia seria longo. O molhar, o ensaboar, o esfregar, o bater, o quarar, o enxaguar, o torcer, tudo isso era um ritual desafiador, contínuo e seguido toda semana pelas lavadeiras. As pedras quentes estavam ali para servir de coarador e de alvejante para as roupas. Como meio de diminuir o cansativo trabalho, não sentirem tanto a dura lida, algumas trabalhavam cantando, outras amenizavam a dureza do ofício, proseando com as companheiras de profissão.

O caminho até às "Pedreiras" era de muito equilíbrio e de cansaço, pois algumas moravam mais distante e todas precisavam se equilibrar em cima das diversas pedras que formavam a "estrada" que levava até ao local da lavagem de roupas. Algumas perdiam um pouco de tempo também, tentando a sorte em garimpar. Enquanto as roupas quaravam ou secavam, iam se aventurando com as pedras que por ali se perdiam de vista, outras aproveitavam o pequeno descanso para tomarem banho nas convidativas águas das pedreiras ou se embrenhavam dentro da vegetação para se deliciarem com as bocaiúvas maduras que enfeitavam o chão. Carlos Drummond de Andrade diria para nossas lavadeiras: "No meio do caminho tinha uma pedra/tinha uma pedra no meio do caminho(...)", mas as lavadeiras sabem que as pedras, literalmente, eram muitas. Essas lavadeiras de Poxoréu poderiam ser descritas assim por Fernando Pessoa "Bate roupa em pedra bem/Canta porque canta e é triste/Porque canta porque existe/Por isso é alegre também."

Como era difícil a vida das lavadeiras! Naquela época, não havia amaciante, água sanitária, sabão em pó e nem máquina elétrica, e como sabemos, os tecidos eram a grande parte

deles, de algodão cru, sem contar que existiam muitos garimpeiros, sendo assim as roupas chegavam extremamente sujas! Mas como todo profissional tem, cria uma maneira ou um produto para facilitar sua vida ou sua lida, as lavadeiras das Pedreiras também tinham suas técnicas infalíveis e facilitadoras para ajudá-las na lavagem das roupas.

O que elas usavam? Sabão em barra, as mãos para esfregar, as pedras para aquecer e molhavam para amolecer as sujeiras das roupas. Usavam como apoio ou "tanque" pedras ou tábuas e para deixar as roupas "azulinhas de doer os zoios", utilizavam o anil para dar o acabamento final, outras usavam folhas de mamão como alvejante e também, segundo elas, o sabão espumava mais com esse produto. Depois de secas, era a hora de ter bons braços e coragem porque para passar as roupas, elas usavam ferro de brasas e para engomá-las, um tipo de goma que era para esticar e deixar as roupas mais firmes e sem vincos.

Vê -las em seu ofício, mesmo sabendo que era um trabalho árduo e uma constante rotina, era para algumas crianças que por ali passavam, um verdadeiro espetáculo de beleza rara. Observar à espreita, tanta força, o branco das roupas, o cheiro bom que exalava dos sabões, o corpo molhado e suado, as roupas a balançar ao vento, e tantas mulheres espalhadas rio abaixo, com certeza era uma cena de filme nordestino. Que lindo e saudoso cenário vem à cabeça de muitos que puderam presenciar esse encontro de lavadeiras nas Pedreiras. Esse momento também era muito esperado por vários filhos, pois quando a mãe ia lavar roupas, o filho a acompanhava, uns para não ficarem a sós em casa, outros iam para os bons e demorados banhos, para brincarem de galho em galho, para sentirem o sabor das deliciosas bocaiúvas, que colhiam no quintal de seu Cravinho, isso sem contar que essa gurizada ainda tinha como brincadeira, um amontoado de pedras e mangas "pecas" que eles diziam com um largo sorriso, "Aqui é minha boiada"! Sem contar que, a imaginação de muitos filhos que acompanhavam as mães nas lavagens de roupas voava solta. Uma pessoa que foi entrevistada disse que recolhia pedrinhas e pensava, "Se cada uma fosse diamante, se eu pudesse, com uma varinha mágica, transformá-las todas em diamantes, mamãe deixaria de ser lavadeira".

Mas enquanto a varinha mágica estava adormecida, os poderes mágicos dormiam e o Pirlimpimpim da Emília não funciona, as lavadeiras de Poxoréu, as lavadeiras das Pedreiras, seguiam com a lida diária .Ensaboavam, batiam na tábua para amaciar, esfregavam e depois estendiam sobre as pedras para se aquecerem ou quarar, isto é , para soltar a sujeira e alvejar as roupas. Depois elas pegavam as roupas, enxaguavam-nas em águas correntes, torciam e estendiam para secar. Ao meio dia, alguém levava comida para elas, isto é, quando elas já não levavam a "boia" pronta. Ao entardecer, voltavam para casa com a sensação de dever cumprido, cansadas, pele bronzeada do escaldante sol, mas como troféu pelo serviço, estavam agora, as roupas limpas, cheirosas e secas. Mas como diz o ditado popular, "Quando descansam, carregam pedras", mas o descanso era rápido, pois no dia seguinte, o trabalho continuava. As lavadeiras passavam as roupas com ferro à brasa e muitas peças eram engomadas antes de passar.

Após todo esse passo a passo da lavagem de roupas, se ainda houvesse tempo, as lavadeiras, no mesmo dia, colocavam a trouxa de roupas na cabeça e iam entregá-la à patroa.

As lavadeiras, além de tudo que fora dito, muitas delas, achavam tempo e disposição para fazer o seu próprio sabão. Era o famoso sabão de cuada. Usavam, sebo, água, cinzas das folhas e talos do mamão e do feijão (colhia se o feijão, secava, batia a palha dobrada, queimava e virava cinza.). As cinzas eram colocadas numa lata com água na medida certa, curtia uns dias. Após curtir, coava se num saco branco. Esse líquido coado era usado e ele substituía a soda, na fabricação do sabão. Após ficar pronto, faziam-se as bolas de sabão que eram depois usadas na

lavagem das roupas. Aquilo limpava tudo com efeito substancial. As roupas ficavam limpas, cheirosas e alvas. Depois eram passadas com ferro a brasa, com o auxílio do fole.

Das muitas lavadeiras que se tem conhecimento, algumas ainda presentes na lembranças de moradores do bairro Areia são: Dona Alice de João Miguel, que morava na rua das Palhas; Dona Santa, de Manoel Coutinho, Dona Maria Lima; Dona Antônia; Tia Chica, mãe de Ademar “Brucelose”; Dona Leocádia, mãe de Izaura, Dalvinha, Dona Laudir; Dona Rita Croadinha, uma mulher loira, de olhos azuis. Ela tinha um olhar de sofrimento intenso. Era muito amiga de Maria do Seu Trajano; Dona Marota, mãe do Tiba; e tantas outras mulheres lavadeiras, não menos importantes do que aquelas aqui citadas.